



Marcia Foletto



A FAMÍLIA da manicure Gidália de Souza se reúne no quintal de sua casa em Araruama, que foi erguida sobre um lixão desativado nos anos 80. Segundo o Instituto Estadual do Ambiente (Inea) e a prefeitura da capital, o Estado do Rio tem

hoje pelo menos 98 lixões irregulares e clandestinos em operação e 12 inativos. A secretária estadual do Ambiente, Marilene Ramos, disse que o governo tem um projeto para fechar todos os lixões num prazo de três anos. RIO, página 10



# Estado do Rio tem 98 lixões irregulares

Na capital, a prefeitura responsabiliza empresas terceirizadas pelos despejos de detritos em aterros ilegais

Fotos de Márcia Foletto

Luiz Ernesto Magalhães

• O Estado do Rio tem hoje pelo menos 98 lixões irregulares em operação e 12 inativos, segundo o Instituto Estadual do Ambiente (Inea) e a prefeitura do Rio. Apenas na capital, a Secretaria municipal de Meio Ambiente identificou seis lixões clandestinos. Há depósitos que operam com a proteção do tráfico, como em Duque de Caxias, que aparece em primeiro lugar no *ranking* de municípios com mais vazadouros ilegais: são 42, a maior parte no entorno do aterro metropolitano de Jardim Gramacho. O envolvimento com o tráfico foi denunciado pelo ex-ministro do Meio Ambiente e deputado estadual Carlos Minc (PT), em operação realizada há alguns meses, com o apoio de policiais, para fechar alguns lixões.

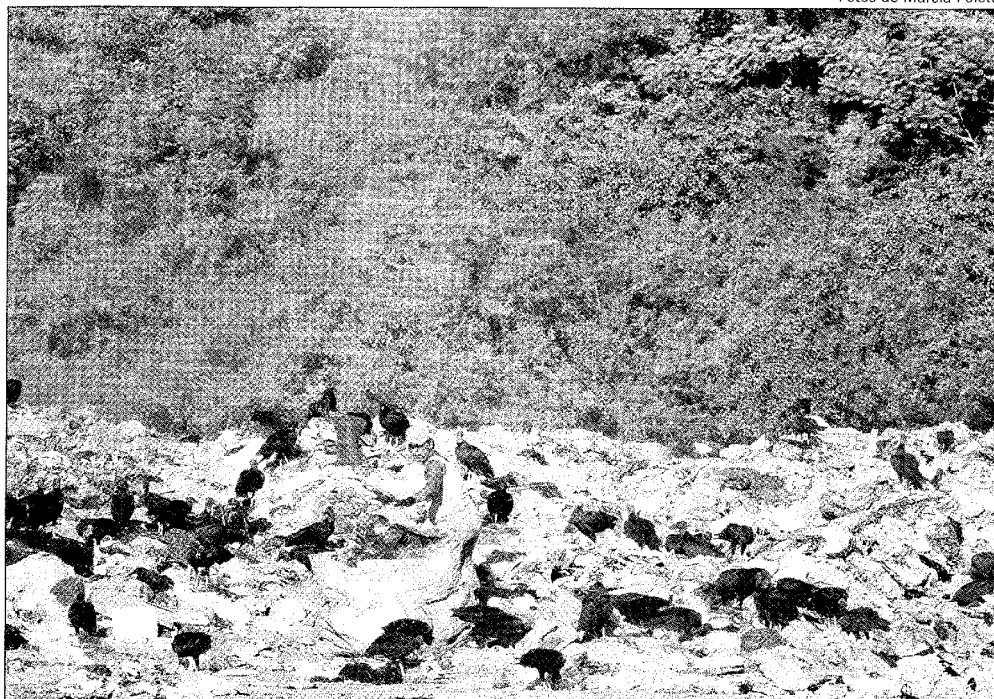
— A intervenção da Polícia Federal, da Coordenadoria de Recursos Especiais da Polícia Civil e do Bope foi necessária justamente por causa da ação de traficantes nessas áreas — contou o ex-ministro.

## Deputado critica deficiência na fiscalização de aterros

Para o presidente da Comissão de Meio Ambiente da Assembleia Legislativa (Alerj), André Lazzaroni, o número de lixões no estado pode ser bem maior. Na Região dos Lagos, por exemplo, o antigo lixão usado pela prefeitura de Búzios e considerado fechado pelo Inea ainda recebe entulho de obras, podas de árvore e eventualmente lixo orgânico, como constaram repórteres do GLOBO.

— Num cálculo conservador, acredito que passem de 300 no estado. O controle é muito difícil, porque a fiscalização é deficiente — explicou Lazzaroni.

Na capital, a prefeitura corre



EM ARARUAMA, o lixo é despejado a céu aberto, num aterro sem licenciamento ambiental e perto da lagoa

contra o tempo para combater os aterros irregulares. No caderno de encargos entregue ao Comitê Olímpico Internacional (COI), o Rio se comprometeu a erradicar todos os lixões até os jogos de 2016. Dos seis depósitos, um fica no Recreio, dois na Cidade de Deus e um em Jacarepaguá, numa distância que varia de quatro a 12 quilômetros da futura Vila Olímpica, a ser construída na Avenida Salvador Allende. Os outros depósitos ficam em Gericinó e Acari.

O secretário municipal de Meio Ambiente, Carlos Alberto Muniz, explicou que as investigações sobre a responsabilidade pelos despejos apontam para empresas que se credenciaram na Comlurb para coletar o lixo de grandes geradores, como hospitais e shoppings. Pela lei, a Comlurb é responsável apenas pela coleta em domicílios. Se-

gundo Muniz, empresas preferem despejar o lixo em aterros clandestinos para não pagar as taxas do Centro de Tratamento de Resíduos de Adrianópolis, em Nova Iguaçu, onde o material deveria ser descartado.

## Prefeitura quer cruzar notas para flagrar irregularidades

A prefeitura pretende comparar as faturas dos contratos dos grandes geradores com as notas fiscais das empresas pelo pagamento das taxas por vazar o lixo em Adrianópolis. A discordância será considerada um indicio de despejo clandestino.

Um dos lixões já identificados pela Prefeitura fica na altura do quilômetro 21 da Avenida das Américas, no Recreio. Numa rua de terra e sem nome, o aterro é vizinho de um condomínio de classe média. Segundo a prefeitura, esse li-

xão recebe resíduos de obras e ainda materiais que precisam de tratamento adequado, como pilhas e baterias.

Na entrada do aterro, uma placa identifica o local como um centro de reciclagem. O gerente Paulo Cesar da Silva nega qualquer irregularidade:

— Nós compramos papel e latas de alumínio dos condomínios. Aqui não entra lixo orgânico — disse.

A prefeitura, porém, diz que o local não tem equipamentos para separar materiais. Segundo a Coordenadoria de Resíduos Sólidos, é preciso ter licença ambiental para trabalhar com recicláveis.

Em Jacarepaguá, existem ainda mais dois lixões na Cidade de Deus, nas localidades conhecidas como Rocinha 2 e Caminho do Outeiro.

Outro depósito no Rio fica em



CONSIDERADO FECHADO, um lixão de Búzios ainda recebe detritos

Gericinó, vizinho ao Centro de Tratamento de Resíduos da Comlurb, que recebe duas mil toneladas de lixo por dia, principalmente da Zona Oeste. A prefeitura formalizou pedido de licenciamento, junto ao Inea, para ampliar o aterro existente, mas precisa ter o problema do despejo irregular resolvido.

Em Acari, o lixão fica às margens do rio de mesmo nome. Há duas semanas, fiscais da Secretaria de Meio Ambiente do município fotografaram um caminhão com o logotipo da empresa Roto-Rio vazando materiais recolhidos de caixas de gordura. A empresa será notificada.

O proprietário da Roto-Rio, Manoel de Carvalho, negou fazer despejos irregulares. Segundo ele, todo material coletado é levado para a Estação de Tratamento de Esgotos (ETE) de Alegria, no Caju.

#### **Casas erguidas sobre antigo aterro**

Aterros desativados também preocupam a população. Em Araruama, pelo menos 300 casas no bairro Clube dos Engenheiros se erguem sobre um lixão desativado nos anos 80.

Basta cavar alguns metros que os moradores encontram sacos com material em decomposição. A manicure Gidália de Souza, de 27 anos, tem no quintal, onde seus seis filhos brincam, uma montanha de sacos plásticos com lixo seco.

— Meu marido quis abrir uma fossa para termos mais água em casa. Os sacos apareceram. Mas isso é muito comum. Quando construímos nossa casa, nós separávamos os sacos e queimávamos — conta a manicure.

Mesmo reconhecendo os riscos de morar sobre lixo, Gidália diz que os filhos são saudáveis e que muitos vizinhos têm hortas em seus terrenos.

No mercado informal do Clube dos Engenheiros, um terreno hoje não vale menos que R\$ 3 mil. O bairro tem luz elétrica, e a Avenida Country Club, seu principal acesso, foi parcialmente asfaltada pelo DER, mas apenas até o trecho onde começa o lixão; a partir dali, o solo é instável. Hoje, o lixo de Araruama é despejado em um vazadouro a céu aberto, sem licenciamento ambiental, distante cinco quilômetros do Clube dos Engenheiros e com vista para a lagoa. ■



# Governo quer fechar os aterros em três anos

Projeto estimula parceria com empresas, mas custo pode chegar a R\$ 5 milhões por lixão

• A secretária estadual do Ambiente, Marilene Ramos, explicou que o estudo do Instituto Estadual do Ambiente (Inea) faz parte de um projeto do governo do Estado para fechar todos os lixões em três anos. Para isso, o governo estimula a criação de consórcios de municípios, que operariam aterros em parcerias público-privadas. Marilene, no entanto, não dá prazos para a recuperação ambiental dos terrenos.

— A prioridade é pararmos o despejo de lixo. Dar o tratamento adequado para matéria orgânica já é um grande avanço — explicou a secretária.

O secretário-executivo do Consórcio Lagos, que atua na gestão ambiental na Região dos Lagos, Mário Flávio Moreira, diz que a recuperação ambiental desses lixões não é barata:

— Trata-se de um investimento de no mínimo R\$ 5 milhões por lixão, e há dificuldades para a obtenção de recursos. Os chorumes estão contaminando os lençóis freáticos. Em Arraial do Cabo, por exemplo, o chorume do lixão da cidade cai direto no manguezal. Hoje, muitos desses aterros na região dos Lagos estão em áreas rurais. Mas poderão se tornar um problema com a urbanização — explica.

Ao todo, existem 13 consórcios intermunicipais em diferentes estágios de implantação. O prefeito de Araruama, André Mônica, estima que o Centro de Tratamento de Resíduos regional entre em operação até o fim do ano. A área, ainda em processo de desapropriação, receberá o lixo produzido por seis cidades: Araruama, Saquarema, Arraial do Cabo, Rio Bonito, Silva Jardim e Iguaba Grande.

Ainda na região dos Lagos, por exemplo, a solução encontrada por Búzios e Cabo Frio, após assinarem termos de ajustamento de conduta com o Ministério Público para interrom-

per o despejo de lixo orgânico, foi usar o o Centro de Tratamento de Resíduos (CTR) de São Pedro da Aldeia. Mas os problemas continuam.

Na sexta-feira passada, repórteres do GLOBO estiveram em dois aterros, separados por uma estrada de terra na divisa entre os municípios. A constatação é que os lixões continuam abertos para receber restos de poda de árvore, móveis velhos e entulhos de obras. No lixão de Búzios foram encontrados três catadores e alguns poucos sacos com material orgânico, aparentemente deixados ali há não muito tempo.

## Recuperação em Búzios começa até o fim do ano

O lixo mais antigo ainda não foi coberto, como determinam as regras ambientais. A secretária municipal de Meio Ambiente de Búzios, Adriana Saad, prevê que o trabalho de recuperação comece até o fim do ano. Para isso, espera contar com recursos do Fundo Estadual de Conservação Ambiental (Fecam)

Sobre o entulho, as autoridades de Búzios prometem recuperar equipamentos para dar uma melhor destinação:

— Nosso plano é reativar a usina de compostagem para reaproveitar esses materiais. Ela foi inaugurada em outubro de 2004 mas, infelizmente, o governo seguinte não deu prosseguimento ao projeto — explicou o secretário municipal de Serviços Públicos de Búzios, Henrique Gomes.

O abandono de equipamentos para reduzir os impactos ambientais não é exclusivo de Búzios. Em Petrópolis, o ex-secretário municipal de Serviços Públicos Sílvio Carvalho lamenta a desativação de duas usinas de material reciclado, construídas na década de 80 com recursos do BNDES e da Caixa Econômica Federal. ■